

# Trajétoria histórica de formação das identidades

## Historical training of identity training

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Sabe-se que as concepções das identidades dos sujeitos não foram as mesmas no decorrer dos períodos históricos. Na verdade os episódios culturais, sociais, políticos e econômicos acabaram por legitimar essas concepções valorativas. Essa a tese que abordaremos no presente texto. Para tanto, fizemos uma breve discussão acerca do entendimento da formação das identidades dos sujeitos, na antiguidade, no medievo, na modernidade e pós-modernidade. Enfocamos os aspectos de desterritorialização e de pluralidade inerentes à formação da multiplicidade dos sujeitos atuais, diante das clivagens e fusões do mundo global multicultural contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade, desterritorialização, pluralidade e multiculturalismo

**ABSTRACT:** It is known that the conceptions of the subjects' identities were not the same during the historical periods. In fact, cultural, social, political and economic episodes have legitimated these values. This is the thesis that we will address in this text. Therefore, we made a brief discussion about the understanding of the formation of subjects' identities, in antiquity, in the Middle Ages, in modernity and postmodernity. We focus on the aspects of deterritorialization and plurality inherent in the formation of the multiplicity of the current subjects, in the face of the cleavages and mergers of the contemporary multicultural global world.

**KEYWORDS:** identity, deterritorialization, plurality and multiculturalism

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 1998: 13).

A questão da identidade é uma discussão em andamento, por parte dos cientistas sociais na contemporaneidade. Os estudos a respeito dessa temática parecem estar influenciados por reflexões acerca de temas como cultura nacional, raça, etnia, gênero, modernidade, pós-modernidade, globalização, pós-colonialismo, etc., presentes no dia-a-dia dos estudiosos (ESCOSTEGUY, 2001).

---

<sup>1</sup> Pós doutora em História pela Universidade Federal de Campina Grande, doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia, e em História Contemporânea pela Universidade do Minho. Professora do Sistema Municipal de Ensino em Campina Grande-PB e em Pocinhos-PB. Atualmente atua na coordenação de Educação Patrimonial Sistema Municipal de Ensino em Campina Grande-PB. E-mail para contato: giovannaaquino@ig.com.br



Nessa discussão, os indivíduos e suas identidades pessoais estão inseridos no mundo como algo pronto ou acabado, enquadrando os sujeitos nos lugares e na vida social de que fazem parte. Em verdade, percebemos que as velhas identidades estão sofrendo um declínio porque não mais definem o sujeito moderno ou pós-moderno. A cada instante, no momento atual, ele se fragmenta e se torna clivado, o que acarreta a crise de identidade inerente aos indivíduos da atualidade. Assim, como tentativa inicial de entendermos a questão da identidade, nos propomos apresentar as três concepções sobre os sujeitos que surgiram ao longo dos tempos. Com elas, refletiremos a trajetória dos deslocamentos acerca do conceito de identidade e da sua mutação a partir das concepções definidas em cada época da História.

### **Trajecória histórica**

Primeiramente é interessante lembrarmos que preocupação com o sujeito só surge na história da humanidade na época moderna. Antes desse período ele encontrava-se preso às instituições como se fosse uma peça integrante das estruturas. Portanto, não existe preocupação alguma com ele próprio no que se refere a seus pensamentos, suas ações, seus anseios, hábitos, etc. (ARAÚJO, 2004 e ARAÚJO, 2007). Assim, o primeiro sujeito na História emergiu com o Iluminismo, relacionado com uma concepção do ser humano. Agora temos o indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação “individualista” e tido como o centro do universo, conforme o antropocentrismo peculiar da época. Portanto, o indivíduo era essencialmente o mesmo, contínuo ou “idêntico” a si. O Eu era a identidade de uma pessoa “imutável” por excelência. A segunda classificação do sujeito está centrada também no mesmo período histórico, a modernidade. Consiste no sujeito sociológico. Não sendo autônomo nem autossuficiente, suas ações estavam interconectadas com a cultura e com a relação com os outros sujeitos em sociedade. Logo, a identidade do sujeito estava dividida entre o “interior” do seu mundo pessoal e o “exterior”, seu mundo público, estando portanto ligado à estrutura social unificada. Quanto ao terceiro e último perfil, refere-se ao qualificado como pós-moderno ou sujeito contemporâneo. O sujeito não possui identidade fixa, mas se pluraliza assumindo identidades diferenciadas a partir do momento e lugar que ocupa. Assumindo identidades contraditórias, unificadas ao redor de um “Eu” coerente e deslocado de acordo com as circunstâncias (HALL, 1998:7-22).



Neste sentido, podemos delinear uma discussão relacionada com a globalização, como vimos, um fenómeno político, cultural e económico observado desde o século passado e que se mantém, no momento atual com grande força. A questão é um paradoxo contemporâneo que atravessa fronteiras e contribui para a crise de identidade. Como homogeneizar as culturas nacionais se as identidades são plurais? Se considerarmos a globalização como prática, encontramos uma resposta plausível e convincente para a questão, já que a globalização não pretende homogeneizar, mas, ao contrário, heterogeneiza e demarca as diferenças. Contribui para o engrandecimento económico de países ricos e o empobrecimento, cada vez mais acentuado, de países pobres ou em “desenvolvimento”. Entenderemos a questão acima com maior nitidez ao fazermos a articulação entre o “global” e o “local” - evidenciando as diferenças, a heterogeneidade, assim mantendo a pluralidade das identidades a partir do contexto diverso em que estejam inseridas, não motivando a destruição das identidades nacionais ao mesmo tempo que estimulam-se e produzem-se novas identificações “globais” e “locais” (KATHRYN, 2000). Contudo, a maior importância que podemos conceder à identidade é quanto à sua principal função,

O ato de representação codificado como sistema entendido a partir da cultura e seus significados específicos, ou seja, a representação inclui as práticas de significação e os seus sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito (GLEDHILL, 1997).

Assim, a representação compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que poderia ser? Quem eu quero ser? A que comunidade pertencço? De que eu gosto? Com base nessas indagações os discursos do marketing e da mídia, por exemplo, tendem a construir um “novo homem” a partir das décadas de 1980 e 1990, do século passado, colaborando para o agravamento de crises de identidade (ARAÚJO, 2006: 137-142 e ARAÚJO, 2009: 489) Em função de uma tentativa, em muitos casos obtendo sucesso, de vislumbrar um mundo homogeneizado de tendência a favorecer o engrandecimento de novos *ethos* de consumo num mundo pautado pelo hipercapitalismo vivificados pelo hiperconsumo (LIPOVETSKY, 2007: 137).

A temática das identidades plurais, embora seja uma discussão atual - relacionada com a realidade contemporânea, vinculada a uma política económica global - tem raízes no passado, nas formas da constituição dos povos e na construção das identidades nacionais brasileiras, diante do intercâmbio que gerou entrecruzamento de culturas heterogéneas.



Ainda em relação ao aspecto identitário, ressaltamos que estamos diante de realidades múltiplas, que significam posturas múltiplas também em relação ao cotidiano, o que acaba por influenciar as identidades plurais evidenciadas na pós-modernidade. Com efeito, percebemos que a complexidade da vida moderna exige que se assumam identidades diferenciadas que entram em conflito constantemente. Nesse sentido, ao invés de se pensar sobre identidade como um facto já concluído, devemos pensar sobre identidade como uma ‘produção’ que nunca está completa, que está sempre em processo, sempre constituída dentro e não fora da representação, isto é, do discurso. Ou ainda, conforme Parmar, “as identidades nunca são fixas, mas complexas, diferenciadas e constantemente re-posicionadas” ( PARMAR, 1990: 101).

### **Considerações finais**

Com a pós-modernidade, chega-se ao consenso de que as concepções que se tem sobre identidade não são nunca singulares, mas multiplamente construídas em discursos, práticas e posições que podem cruzar-se ou serem antagônicos. Ou seja, para os estudiosos dos Estudos Culturais há uma preocupação em torno dessa concepção multifacetada de mundo, diante de tanta desarticulação e dispersão que acabam por multifacetar também as identidades coletivas (GEERTZ, 2001: 191-228). Nesse sentido, as identidades estão, portanto, sujeitas à historicização radical (SILVA, 2000: 103-133). Sobre a multiplicidade das identidades Hall destaca: “ (...) não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando em processo de mutação e transformação” (HALL in: SILVA, 2000: 108). Portanto, em constante processo de transformação e mudança, por outro lado, convém destacar que “a Globalização Cultural tem causado extensos efeitos diferenciadores no interior das sociedades ou entre as mesmas” (HALL, 2003: 59).

### **Referências Bibliográficas**

ESCOSTEGUY, A. C. (2001). Identidades Culturais: uma discussão em andamento. Em: *Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Autêntica. Belo Horizonte.

ARAÚJO, G. de A. F. (2004) A Identidade em questão: sua importância enquanto temática a ser estudada e suas categorias de sujeitos que a formulam. Em: *XII Semana de Letras Linguagens, Culturas e Identidades. Programação e Resumos*. 23 a 27 de Agosto de 2004, pp.03-04.



\_\_\_\_\_. (2007) *Múltiplas categorias de sujeitos sociais em diálogo com a discussão das suas identidades*. I Encontro de Pesquisa de Pós-Graduação do curso de História. Realizado na UFCG, em 23 a 27 de Abril de 2007. Campina Grande-PB.

ARAÚJO, J. B. e Araújo, G. de A. F. (2008, 3 a 5 de setembro). Uma (re) leitura da Historiografia Brasileira sobre o conceito de Cultura Popular e Identidade Nacional a Luz do Historiador Antônio Carlos Reis. Em: *Anais da VIII Semana de Estudos Históricos do CERES- História e Cultura e Patrimônio*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó-RN pp. 184-185.

KATHRYN, W. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em: **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Silva, T. T. da (org.), Stuart Hall Vozes. Petrópolis, RJ, pp. 07-72.

FILHO Zaidan, M. (2001). *O Fim do Nordeste & outros mitos*. Cortez. São Paulo, pp. 11-13.

GIDDENS, A. (1991). A Reflexividade da Modernidade. Em: **As consequências da Modernidade**: Editora da UNESP, São Paulo.

GLEDHILL, C. Genre and gender: the case of soap opera. Em: HALL, S. (org.) **representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage/ the Open University, 1997.

HALL, S. (1998). A identidade em questão. Em: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2. Ed, DP&A Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. A questão multicultural. Em: Sovick, L. (Org.). **Da Diáspora- Identidades e mediações culturais**. Editora da UFMG, Brasília.

HOLANDA, S. B de (1984). **Raízes do Brasil**. 17 Ed. J. Olympio. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, L. L. (1987, dezembro). "Repensando a tradição". *Ciência Hoje*, v.7, n. 38.

PARMAR, P. (1990). E black Feminism: The politics of articulation. Em: *Identity: Community, Culture, difference*. Rutheford, J. (ed.): Wishart, London, p. 101.

SILVA, T. T. da (Org.). (2000). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**: Vozes, Petrópolis-RJ, p 103-133.

